

Professor: Arnin Braga

Disciplina: Filosofia da Religião

Semestre: 4º Semestre de Filosofia

Tema 03:

Idade Média – a Filosofia como serva da Teologia

Parte I: a Patrística

1. INTRODUÇÃO

O período histórico da Filosofia que conhecemos como “Filosofia Medieval” é fruto de uma mescla entre a cultura e filosofia greco-romana com os valores do cristianismo. Com a queda do Império Romano do Ocidente em 476 d.C, a Igreja Católica passou a ser, durante mais ou menos 1000 anos, a grande responsável por manter a tradição filosófica greco-romana, mas agora com uma novidade: as Sagradas Escrituras.

A Filosofia Medieval é dividida em dois grandes períodos:

a) Patrística (Alta Idade Média): Com o surgimento do cristianismo, acrescenta-se um conteúdo novo nas discussões sobre o *θέος* (o Ser ou Deus) iniciadas por Aristóteles: as Sagradas Escrituras. Em uma sociedade greco-romana estritamente racional e bombardeada por várias teorias religiosas de cunho filosófico, surgiu dentro do cristianismo a necessidade de dar uma fundamentação racional ao conteúdo da fé proveniente das Sagradas Escrituras. Trata-se da busca pela “*Intelecto Fidei*”, ou seja, entender a fé, descobrir sua racionalidade própria como instrumento de aprofundamento e explicitação da mesma. Logo, nesse contexto, a função da Razão e da Filosofia passou a ser a de instrumento para melhor entender a Fé e a Teologia cristã.

b) Escolástica (Baixa Idade Média): Durante os séculos IX ao XIV, a Europa entrou em um momento cultural extremamente coeso. Por um lado, toda a Europa reconhecia politicamente a autoridade de duas cabeças ou coroas: o papa e o imperador. E por outro lado, estavam unidos em uma mesma religião: a católica. As antigas estradas romanas uniam os povos europeus que também estavam interligados por uma língua comum (latim), e por uma cultura fundamentada no passado greco-romano, mas agora com a fidelidade germânica como modelo ético. Todo esse contexto de coesão fez com que surgissem as primeiras

universidades do mundo, como uma forma de manter esse mundo coeso, fundamentá-lo racionalmente e defender a fé intelectualmente contra possíveis adversários internos (hereges) e externos (pagãos e infiéis). A “*Scientia Scholastica*” ou Escolástica era o saber hegemônico da época.

Sendo assim, vejamos agora quais foram as principais discussões sobre Deus nestes dois períodos da Filosofia Medieval.

2. A PATRÍSTICA

2.1 São Justino Mártir: a Razão está unida a Fé e a Fé completa e dá plenitude aos limites da Razão.

O filósofo cristão Flávio Justino (100-165) nasceu na atual Síria em uma família romana. Homem culto desde a juventude, participou de correntes filosóficas de sua época como o platonismo e, principalmente, o estoicismo. Destas duas linhas de pensamento, Justino herdou a discussão pelo Logos, isto é, o princípio ordenador que a tudo regula no mundo. Foi refletindo sobre estas questões que Justino encontrou-se com um cristão sábio que lhe apresentou a Jesus Cristo como o Logos Encarnado. Tal encontro o fez com que ele se converter-se ao cristianismo.

Uma vez cristão, Justino notou que aquela religião era muito atacada pela cultura greco-romana. E como a maioria dos cristãos eram pessoas simples, careciam de uma argumentação racional sólida para justificar aquilo que acreditavam por meio da fé. Nesse contexto, Justino foi um dos primeiros intelectuais do cristianismo que se ocupou de dar uma sustentação intelectual sólida para as verdades de fé cristãs, conjugando as Sagradas Escrituras com os elementos do pensamento platônico e estóico. Sendo assim, em suas *Apologias*, Justino postulou a famosa teoria do λογός σπερματικός¹ (“Logos spermatikós”), traduzido como “Logos seminal” ou “sementes do Verbo”, pensamento este que deu origem a ideia de que a Filosofia deve estar a serviço da Teologia.

Segundo Justino, antes da vinda de Jesus Cristo os homens possuíam “sementes do Verbo” (fundamenta-se na parábola do semeador): tanto os antigos profetas quanto os

¹ Cf. JUSTINO DE ROMA. *Apologias I e II, e Diálogo com Trifão*. Paulus: São Paulo, 2002, pp.100-101. (Apologia II, 10)

filósofos. Essas “sementes” permitiam aos homens conhecerem fragmentariamente a Verdade revelada por Deus. Mas com a vinda de Jesus Cristo, essa Verdade divina foi revelada em toda sua plenitude. Logo, segundo Justino, somente os cristãos possuem a Verdade em sua plenitude, enquanto as outras filosofias e religiões possuem apenas partes dessa revelação, possuem sementes do Verbo, mas não o Verbo Encarnado.

Com isso, Justino inaugura o pensamento de que não dá para pensar a Razão humana como algo separado da Revelação cristã, devido ao fato de que a Razão humana sempre está ligada ao Logos (Jesus Cristo). A partir de Justino, a teologia cristã afirmará que se a razão humana (logos) provém de Jesus Cristo (Logos), ela nunca pode dizer ou afirmar algo contrário a Ele, pois isso não teria lógica.

2.2 Orígenes e Santo Agostinho: Como ler e entender as Sagradas Escrituras?

No decorrer dos primeiros séculos do Cristianismo, surgiu a seguinte problemática: como as Sagradas Escrituras podem ser fonte da verdade se, em seu conteúdo, encontramos frequentemente informações contraditórias e metáforas confusas? Os dois pensadores da Patrística que buscaram resolver essa questão com o auxílio da filosofia neoplatônica foram Orígenes (185-284) e Santo Agostinho (354-430).

Para Orígenes, o verdadeiro sentido das Sagradas Escrituras estão nelas mesmas, sem necessidade de recorrer a outros escritos. A Razão humana deve apenas ajudar o cristão no caminho de encontrar esse sentido de maneira adequada. Dessa forma, as Sagradas Escrituras não podem ser lidas exclusivamente em seu sentido literal, mas exigem sentidos mais profundos. Por isso, Orígenes afirmava em sua obra *Tratado Sobre os Princípios* que da mesma forma que o homem é *corpo* (“soma”/“basar”), *alma* (psique/nefesh) e *espírito* (pneuma/ruah), as Sagradas Escrituras também podem ser lidas a partir de três sentidos²:

- *Literal*: a letra é a carne (soma/basar) das Sagradas Escrituras. É o primeiro nível de interpretação.
- *Moral*: é a alma (psique/nefesh) das Sagradas Escrituras. É o segundo nível de interpretação.
- *Espiritual*: É o espírito (pneuma/ruah) das Sagradas Escrituras. É o nível mais alto e profundo de interpretação.

² Cf. ORIGENES. *Tratado sobre os princípios*. Paulus: São Paulo, 2012, pp. 294-295 (IV, 11)

Esta forma de ler e interpretar racionalmente as Sagradas Escrituras foi chamada por Orígenes de “método alegórico”. Tal método influenciou a outro grande pensador cristão séculos depois: Santo Agostinho. A interpretação alegórica origeniana das Sagradas Escrituras chegou a Santo Agostinho por meio de Santo Ambrósio. Neste sentido, Agostinho propõe em sua obra *A Doutrina Cristã* algumas regras para interpretar aquelas passagens obscuras e confusas das Sagradas Escrituras. Para ele, tudo o que está escrito nas Sagradas Escrituras é verdade. O que muda é o sentido com o qual devemos interpretá-la. Para fazer uma correta interpretação, devemos utilizar-nos da Razão. Logo, toda metáfora bíblica que parece confusa, deve ser remetida a um sentido físico (a cultura do povo da época, as leis, etc). Já toda lei ou fato da cultura da época que parece estar contra a honestidade dos costumes e às verdades da fé, deve ser entendido em sentido figurado³. Crer para entender, entender para crer.

REFERÊNCIAS

AGOSTINHO. *A doutrina cristã*. Paulus: São Paulo, 2002. (Coleção Patrística 17)

JUSTINO DE ROMA. *Apologias I e II, e Diálogo com Trifão*. Paulus: São Paulo, 2002.

ORIGENES. *Tratado sobre os princípios*. Paulus: São Paulo, 2012. (Coleção Patrística, 30)

SANCHÉZ, J.L. Nogales. *Filosofía y Fenomenología de la Religión*. Editorial Ágape: Salamanca, 2003.

³ Cf. AGOSTINHO. *A doutrina cristã*. Paulus: São Paulo, 2002, pp. 160-165 (Cap. 5, 9; Cap. 10, 14)